

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Roberto Cassimiro dos Santos

**A PRÁTICA DOCENTE E A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Garanhuns – PE
2018

Roberto Cassimiro dos Santos

**A PRÁTICA DOCENTE E A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciado em
Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal Rural
de Pernambuco, Unidade Acadêmica de
Garanhuns. Sob a orientação da Prof^a. Dr^a
Paula Rejane Lisboa da Rocha.

Garanhuns - PE
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns - PE, Brasil

S237p Santos , Roberto Cassimiro dos

A prática docente e a alfabetização cartográfica nos anos iniciais
do ensino fundamental / Roberto Cassimiro dos Santos. - 2018.

49 f. : il.

Orientador(a): Paula Rejane Lisboa da Rocha
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Pedagogia, Garanhuns, BR - PE, 2018.
Inclui referências e apêndices

1. Cartografia 2. Ensino 3. Prática de ensino 4. Ensino
fundamental I. Rocha, Paula Rejane Lisboa da, orient. II. Título

CDD 526

Roberto Cassimiro dos Santos

**A PRÁTICA DOCENTE E A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Paula Rejane Lisboa da Rocha
ORIENTADOR(A)

Prof^ª. Ms. Samara Cavalcanti da Silva
AVALIADOR(A)

Prof^º. Samuel Othon de Souza Costa
AVALIADOR(A)

Aprovado em 14 de fevereiro de 2019.

Dedico este trabalho primeiramente ao Autor e Consumador da minha fé: Jesus Cristo, e em segundo as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a sua realização. Entre elas estão: a minha esposa Rosiane Miranda, as minhas filhas Acsa Roberta e Ada Rebeca que souberam compreender os momentos de ausência necessários e que são os motivos da minha alegria e conquista e a minha orientadora Paula Rejane Lisboa da Rocha, que com certeza foi uma das grandes responsáveis pela conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sabedoria, consolo e inspiração que me deu a cada dia para que pudesse chegar aonde cheguei.

Aos meus familiares, pelo apoio, incentivo e exemplo durante minha caminhada acadêmica. Eles foram a alavanca que me impulsionou na estrada do conhecimento e me tornou o que sou hoje.

Aos professores da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE - Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG (primeira extensão acadêmica do Brasil), especificamente aos professores do curso de Licenciatura em Pedagogia, especialmente a: Alzenir Severina, Valdirene Moura, Juliana Galindo, Rosinalda Teles, Anderson Fernandes, Caetano D’Carli e a Paula Rejane Lisboa da Rocha que se dispôs em dar-me as orientações, incentivo e apoio necessários para que este trabalho fosse concluído.

Por fim, meus amig@s: Adeildo Gomes, Julia da Silva, Hohana Diniz, Iago Felipe, Jéssica Michele (a turma do fundão), Amanda Moraes, Pera Lúcia, Tânia Oliveira e a todos os companheiros de graduação, das salas pelas quais passei que me ajudaram direta ou indiretamente e que contribuíram para a realização deste projeto.

Foi uma satisfação imensa aprender a desconstruir e a construir com vocês!

Muito obrigado!

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho resulta da elaboração da monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG). Para a realização do mesmo, partimos da seguinte indagação: como ocorre o ensino da cartografia nas aulas de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental? Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa trata-se de investigar como o professor leciona os conteúdos de cartografia nas aulas de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, realizada em uma escola pública do Ensino Fundamental do município de Garanhuns-PE, no mês de dezembro de 2018. O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semiestruturada, contendo 11 questões direcionadas a 05(cinco) professores do 1º ao 5º ano. A pesquisa demonstrou que alguns professores entrevistados têm dificuldades e insegurança em trabalhar a cartografia para os alunos e que às vezes, recorrem à ajuda de amigos que são formados na área (Geografia) e pesquisam em livros ou na internet uma melhor maneira de ensinar. Os resultados também apresentaram que os sujeitos da pesquisa consideram o ensino da cartografia importante, uma vez que possibilita uma leitura de mundo que o aluno só consegue realizar, se o professor estiver seguro, conhecer o assunto e souber mediar os conteúdos da Geografia em suas aulas. Desta forma, a compreensão da cartografia nos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância, visto que, o aluno levará este conhecimento por todo o período em que estiver na escola e mesmo após sair dela.

Palavras-chave: Cartografia. Prática Docente. Ensino.

ABSTRACT

The present work results from the elaboration of the conclusion monograph of the Degree in Pedagogy, Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE), Academic Unit of Garanhuns (UAG). For the accomplishment of the same, we start from the following question: how does the teaching of the cartography in the classes of Geography in the initial years of the basic education? In this sense, the general objective of the research is to investigate how the teacher teaches cartography contents in Geography classes in the initial years of elementary school. It was a field research with qualitative approach, carried out in a public school of the Garanhuns-PE municipality, in the month of December, 2018. The data collection instrument used was a semistructured interview, containing 11 questions directed to 05 (five) teachers from 1st to 5th grade. Research has shown that some interviewed teachers have difficulties and insecurity in working on cartography for students and that sometimes they resort to the help of friends who are trained in the area (Geography) and research in books or the internet a better way to teach. The results also showed that the subjects of the research consider the teaching of cartography important, since it allows a reading of the world that the student can only accomplish, if the teacher is safe, know the subject and know how to mediate the contents of Geography in his classes. In this way, the understanding of cartography in the initial years of elementary education is of paramount importance, since the student will take this knowledge throughout the period in which he is in school and even after leaving it.

Keywords: Cartography. Teaching Practice. Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 – A PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE GEOGRAFIA	14
2.2 – A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA	20
3 METODOLOGIA.....	27
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
4.1 – CATEGORIA 1 – CONHECIMENTO CARTOGRÁFICO	37
4.2 – CATEGORIA 2 – ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	46

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar a Geografia em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental é desafiador, porque a maioria dos professores se detém apenas às disciplinas de Português e Matemática, deixando as demais disciplinas em um segundo plano, quer dizer, se sobrar tempo para ministrá-las eles o fazem. O professor deve saber que não ocorre a alfabetização e letramento apenas com o ensino de Português e Matemática, as outras disciplinas também podem ser usadas para a mesma finalidade, inclusive, a Geografia.

O ensino da Geografia, e dentro dele o estudo da cartografia, possibilita ao professor mostrar a seus alunos como ocorre a construção de um mapa, os tipos de mapas, como interpretar legendas e símbolos e o que eles significam. A partir da maneira como é abordado o ensino dos mapas é que se dará a formação - momento no qual o aluno compreende que a cartografia, ou seja, o estudo dos mapas é de muita importância para sua formação e que ele é sujeito integrante do espaço construído e desenhado nos mapas - ou a informação - momento no qual o aluno é apenas informado do significado e para que servem os mapas, sem ser feito um estudo mais aprofundado, ficando apenas na decoreba, ou seja, ele estuda apenas para fazer uma avaliação, tirar uma boa nota e por fim, não ter formação nenhuma do que é a cartografia para sua vida. Sendo assim, o professor deve utilizar-se de materiais pedagógicos que possam chamar à atenção de seus alunos e assim, proporcionar-lhes um aprendizado significativo.

Desta forma, o docente tem que realizar suas intervenções utilizando recursos que facilitem a interação com todos os elementos que estão dentro e fora da escola. Porque para

[...] entender a intervenção pedagógica exige situar-se num modelo em que a aula se configura como um microssistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, uma forma de distribuir o tempo, um determinado uso dos recursos didáticos, etc., onde os processos educativos se explicam como elementos estreitamente integrados neste sistema. Assim, pois, o que acontece na aula só pode ser examinado na própria interação de todos os elementos que nela intervêm. (ZABALA, 1998, p. 16 e 17).

Neste sentido, a intervenção que o professor propõe realizar em suas aulas, deve possibilitar que o aluno compreenda o que está sendo exposto, ser uma aula

interativa, sem monólogo por parte do professor e com uso de recursos que contribua com a construção do conhecimento do aluno.

[...] Desta maneira, podemos definir as atividades ou tarefas como uma unidade básica do processo de ensino/aprendizagem, cujas diversas variáveis apresentam estabilidade e diferenciação: determinadas relações interativas professor/alunos e alunos/alunos, uma organização grupal, determinados conteúdos de aprendizagem, certos recursos didáticos, uma distribuição do tempo e do espaço, um critério avaliador, tudo isto em torno de determinadas intenções educacionais, mais ou menos explícitas. (ZABALA, 1998, p. 17)

Para Zabala (1998), as atividades e/ou tarefas realizadas pelo docente em sua prática deve ter unidade, para que tanto o ensino como a aprendizagem, mesmo com suas estabilidades e diferenciações, possam ajudar nas relações vividas no ambiente escolar. A prática do professor dos anos iniciais do ensino fundamental, durante as aulas de geografia, tem que visar uma melhor maneira de apresentação da cartografia para facilitar a vida social de seus alunos.

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação – ou seja, a prática educativa - é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. (LIBÂNEO, 1990, p. 16 e 17).

Compreendemos assim, que o que é realizado pelo docente tem uma forte influência sobre o processo educativo. Porque ele é responsável em preparar pessoas, desde a mais tenra idade, para atuarem na sociedade, como agentes transformadores e construtores do meio no qual farão parte.

Libâneo (1990, p. 17) destaca que

[...] não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.

A responsabilidade do professor é ter uma prática que venha enriquecer as experiências e os conhecimentos daqueles que serão seus alunos. Neste sentido Libâneo (1990), ressalta que o papel do docente é preparar indivíduos que saibam

suprir as carências da sociedade, pondo em prática o que aprenderam durante sua passagem pela escola.

A prática educativa, portanto, é parte integrante da dinâmica das relações sociais, das formas da organização social. [...] No trabalho docente, sendo manifestação da prática educativa, estão presentes interesses de toda ordem – sociais, políticos, econômicos, culturais – que precisam ser compreendidos pelos professores. Por outro lado, é preciso compreender, também, que as relações sócias existentes na sociedade não são estáticas, imutáveis, estabelecidas para sempre. Elas são dinâmicas, uma vez que se constituem pela ação humana na vida social. Isso significa que as relações sociais podem ser transformadas pelos próprios indivíduos que a integram. (LIBÂNEO, 1990, p. 21).

Em sua prática, o professor, deve compreender que ele é meio que liga ou faz a “ponte” entre o saber e os alunos, procurando simplificar determinado conteúdo. Sua maneira de lecionar nas aulas é que vai dar significado ao aprendizado de seus alunos sobre as relações sociais, e que eles como sujeitos da sociedade estão envolvidos.

Ao apresentar, por exemplo, nas aulas de geografia, os mapas, mostrando o que é a dimensão demográfica ou até territorial, o professor está ensinando que existe uma relação entre o individuo e sociedade. Neste sentido, o aluno se vê como parte desta sociedade.

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico. (BRASIL, 1997, p. 74).

Desta forma, o conhecimento geográfico só poderá ocorrer quando a criança tem contato com a teoria e a forma como ele é construído. E é na escola onde começa esse desenrolar do conhecimento geográfico. Porque o professor terá o papel de mediador entre a criança e o conhecimento de mundo, porque ao vir à escola ela, a criança, traz apenas seus conhecimentos prévios do que é espaço geográfico, e assim, o professor possibilitará que o conhecimento geográfico seja assimilado.

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências — tanto para si como para a sociedade. Permite também que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico, no qual se encontram inseridos, tanto em nível local como mundial, e perceber a importância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações. Além disso, seus objetos de estudo e métodos possibilitam que compreendam os avanços na tecnologia, nas ciências e nas artes como resultantes de trabalho e experiência coletivos da humanidade, de erros e acertos nos âmbitos da política e da ciência, por vezes permeados de uma visão utilitarista e imediatista do uso da natureza e dos bens econômicos. (BRASIL, 1997, p. 76).

A prática do professor, utilizando os métodos corretos, promoverá o ensino e a aprendizagem nas aulas de Geografia. O conteúdo apresentado contribuirá para que o aluno se veja como sujeito e construtor, no presente, dos resultados e modificações que deixa para as gerações futuras.

Assim, a prática docente e a alfabetização cartográfica têm muito a contribuir com a formação inicial dos alunos. Eles, que chegam com um pouco ou quase nada de conhecimento geográfico, saem com uma nova percepção de quem são, como sujeitos e modificadores do espaço no qual estão inseridos.

2 REFERECIAL TEÓRICO

2.1 - A PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Nesta seção, abordaremos o uso da cartografia em sala de aula, através das práticas docentes e os recursos utilizados para o ensino de mapas, por meio dos estudos de Simielli *et al.*, (2012), que traz à tona a importância da cartografia no ensino de geografia no ensino fundamental.

O aprendizado de toda e qualquer disciplina, depende da maneira como o docente a ensina para seus alunos. Durante os cinco primeiros anos que a criança passa no ensino fundamental - anos iniciais - é de extrema importância que o professor saiba trabalhar todas as disciplinas do currículo escolar, a ponto de transformar a maneira como seus alunos “enxergam” o mundo. O professor que trabalha com mais frequência, em sala de aula, as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática deve dar prioridade também as outras disciplinas, como: História, Geografia, Arte, etc.

Levando em consideração que os estudos em sala de aula não se podem limitar ou dar prioridade a certas disciplinas e deixar outras em segundo plano, o docente tem que não apenas informar sobre o que está sendo estudado, mas formar o conhecimento, tornar claro para o aluno, e trabalhar suas aulas de tal forma que contemplem as disciplinas do currículo e que os alunos possam ter uma aprendizagem significativa. Sendo assim, para ensinar geografia é necessário que o docente tenha domínio sobre a disciplina e o que é estudado dentro desta disciplina em sala de aula.

Para Castrogiovanni (2003, p. 85),

O processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente mas que (re)signifique tais instrumentos a partir da compreensão do particular, do poder ser diferente nas interpretações e mesmo assim fazer parte do contexto.

Sabendo que o processo de aprendizagem ocorre passo a passo, em qualquer disciplina, o docente ao ministrar as aulas de geografia deve ter domínio do assunto em pauta e contar com os conhecimentos prévios dos alunos ou dar a oportunidade para que eles deem suas opiniões, sobre o que está sendo debatido ou estudado em sala de aula. Para Castrogeovanni (2003, p.85) “o ensino da geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações”. Logo, o docente deve possibilitar que os alunos compreendam o que está sendo estudado.

Dentro das aulas de Geografia é estudada a cartografia, que orienta a construção e elaboração dos mapas. Ao examinar o livro didático de Geografia e deparar-se com a origem da cartografia, modelos de cartas geográficas (mapas), construção de mapas, objetos usados para localização, leitura de mapas, interpretação de legendas e instrumentos utilizados na cartografia, o docente tem em mãos uma “ferramenta” muito importante para a alfabetização cartográfica.

Assim, Castrogeovanni (2003, p.31) afirma que:

Para que um mapa possa cumprir sua tarefa, os alunos devem aprender a sua leitura. Para tal é necessário, além do domínio das técnicas de representação, da linguagem específica cartográfica, sensibilidade geográfica. Os símbolos e signos empregados nos mapas frequentemente apresentam uma natureza pictórica, representando situações, fatos e dados nem sempre claramente expressos e muitas vezes de difícil mensuração. Para que esta situação seja amenizada, os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos da geografia. A vivência com os mapas deve ser vista como uma possibilidade admirável de comunicação.

Desta forma, o estudo da cartografia tem que acontecer de maneira tal, que o aluno desde os primeiros contatos com os mapas tenha certa sensibilidade ou quer dizer, um olhar comparativo do espaço vivido por ele e o que está representado na folha do livro. Ele tem que perceber que faz parte do meio, que o mapa e a leitura cartográfica estão presentes em sua vida, desde o seu quarto, em sua casa, até o mais distante planeta.

Os diferentes tipos de mapas proporcionam ao docente a possibilidade de trabalhar vários aspectos da sociedade e do mundo. Porque ao saber interpretar e construir um mapa, o aluno está começando a fazer sua leitura de mundo e do espaço no qual se encontra.

Sendo assim, Almeida (2003, p. 13) nos afirma que:

[...] os mapas expressam ideias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes. A produção cartográfica sempre esteve ligada a interesses políticos e militares, influências religiosas e mesmo a questões práticas, como por exemplo, a navegação. Os mapas, portanto, só podem ser devidamente compreendidos se vistos no contexto histórico e cultural em que foram produzidos, o que significa entender também os limites técnicos de cada época, evitando o equívoco de confundir essas limitações com intenções políticas.

Deste modo, o papel do docente é tornar claro o objetivo da construção dos mapas. O aluno entendendo a importância do mapa para os povos do passado e para os da atualidade terá uma leitura de como, com o passar do tempo, os espaços foram se modificando e criados outros. Assim, o aluno começa a fazer distinção do que é e como se dá a representação espacial. Ele começa a ler e fazer inferências, sobre várias coisas presentes nos mapas aos quais tem acesso.

De acordo com Castrogiovanni (2003, p. 34),

Ler mapas significa dominar o sistema semiótico da linguagem cartográfica. Não é apenas localizar um elemento cartográfico ou qualquer fenômeno. O mapa é uma síntese. É uma representação codificada de um espaço real. Possui um sistema semiótico complexo. A informação contida nos mapas é transmitida através de uma linguagem que utiliza um sistema de signos (legenda), redução (escala) e projeção. Ler mapas significa decodificar e, portanto, representar mentalmente sua mensagem.

Depois de começar a ler mapas, o aluno deve saber construí-los. E é aí que começa a compreensão das significações que devem conter um mapa, e como elaborá-lo ou representá-lo. São os primeiros rabiscos que criança começa a fazer que, com a orientação do docente, vão dando forma aos mapas. Desta maneira, a informação já começa a ter uma formação no desenvolvimento cognitivo da criança, levando-a a cada vez mais a construir mapas tanto no papel, como mentalmente.

Estes registros possibilitam ao docente ver como está acontecendo à aprendizagem por parte de seus alunos e que outros métodos e formas ele pode utilizar para fixar ainda mais o conteúdo ensinado a estas crianças.

Segundo Almeida (2003, p. 21),

[...] o mapa foi um instrumento que surgiu quando o homem precisou de um registro espacial fora de sua memória, que lhe permitisse trabalhar com maior número de informações e, portanto, manipular maior gama de conhecimento para interferir sobre a natureza e agir sobre um espaço ausente. O aparecimento do mapa, de forma semelhante ao que ocorreu com as primeiras formas de escrita, alterou qualitativamente o poder do homem de domínio de espaço. Pensar sobre o espaço torna-se, portanto, pensar sobre sua representação. Hoje, conhecer a cidade, a produção rural, a circulação, etc. implica dominar as formas de representá-las. Isso não só para o estudioso, mas também, em grau menos sofisticado, para qualquer cidadão.

A leitura e construção de mapas, que o aluno desenvolve, com a orientação do professor, este utilizando os instrumentos e recursos certos, fará com que aquele, tenha uma visão sobre a cartografia mais crítica. Ou seja, o aluno vai passar a fazer e questionar, como se constroem determinados tipos de mapas e quais serão suas utilidades.

Desta forma para Simielli *et al.*, (2012, p. 97 e 98),

[...] o conteúdo programático é desenvolvido segundo o saber ensinado e o saber adquirido na escola ou fora dela, sendo que os temas devem ser aprofundados de forma crescente, acompanhando o conteúdo da geografia e o desenvolvimento natural da criança.

Sendo assim, quando os alunos passam a explorar o ambiente da escola, o espaço de seu bairro ou vizinhança, formulando mapas, as direções que podem seguir para ir à escola e ao voltar, os possíveis caminhos que eles podem criar ao fazer o mapa do trajeto ida e volta de qualquer lugar, eles simplesmente estão colocando em prática o que o professor lhes informou e foi formado ou construído na mente deles, nas aulas de geografia pelo estudo da cartografia.

Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Geografia (1997, p. 9), nos mostram que:

As formas mais usuais de se trabalhar com a linguagem cartográfica na escola é por meio de situações nas quais os alunos têm de colorir mapas, copiá-los, escrever os nomes de rios ou cidades, memorizar as informações neles representadas. Mas esse tratamento não garante que eles construam os conhecimentos necessários, tanto para ler mapas como para representar o espaço geográfico. Para isso, é preciso partir da ideia de que a linguagem cartográfica é um sistema de símbolos que envolvem proporcionalidade, uso de signos ordenados e técnicas de projeção. Também é uma forma de atender a diversas necessidades, das mais cotidianas (chegar a um lugar que não se conhece, entender o trajeto dos mananciais, por exemplo) às mais específicas (como delimitar áreas de plantio, compreender zonas de influência do clima). A escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

Quando a criança começa a entender os símbolos que constituem a cartografia, ela passa a construir mapas de maneira mais fácil. A partir dos simples desenhos até aonde ela possa desenvolver sua capacidade de construção de mapas, a criança demonstra que as aulas de geografia estão lhe capacitando e gerando aprendizado.

Quando há instrução de forma correta, o aluno vai construindo e aprendendo ao mesmo tempo, e assim, ficará mais difícil de esquecer o que foi estudado. Porque o ensino da cartografia nas aulas de geografia é o momento de contato que, além do livro, ocorre com materiais didáticos feitos para esta disciplina. Não se pode apenas falar e mostrar o que está desenhado nos livros. A criança tem que ter acesso, tocar, manusear e interagir com objetos que representam espaços geográficos.

De acordo com Almeida (2007, p. 17),

Assim, recursos que possibilitam representar essas transformações constituem uma chave para o pensamento crítico sobre o espaço. Entre tais recursos está a linguagem dos mapas. O indivíduo que não consegue usar um mapa está impedido de pensar sobre aspectos de território que não estejam registrados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido, o que o impossibilita de realizar a operação elementar de situar localidades desconhecidas.

Ao saber ler um mapa, o aluno já disponibiliza de muitos recursos mentais que lhes dão a orientação e a forma de como fazer a leitura do mapa. Simielli et al.,/ (2012, p. 102), nos mostra que

No eixo em que os alunos trabalharão com produtos cartográficos já elaborados, mapas, cartas e plantas nos três níveis de leitura dos produtos cartográficos a resultante final é o aluno leitor crítico. Portanto, neste encaminhamento o aluno terá condições de retirar do mapa os elementos fundamentais para a leitura das informações representadas.

Fica claro que, quanto mais contato o aluno tiver com materiais cartográficos nas aulas de geografia, mais ele saberá realizar as atividades desta área de estudo. Porque o aluno que tenha tido acesso à aprendizagem da cartografia saberá, com um tempo, fazer a leitura de um mapa.

Nesta perspectiva, Almeida (2003, p.17), destaca que

Há, portanto, uma implicação direta do que foi colocado para a educação: o ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola. É função da escola é preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização.

A representação espacial e a noção ou conhecimento de cartografia, possibilita que o aluno se localize como sujeito do espaço no qual está inserido. Mas este conhecimento só é possível quando o docente resolve ir além daquilo que é proposto nos livros didáticos. O docente será o mediador entre o livro e o aluno, proporcionando que haja uma compreensão de quão importante é a cartografia.

2.2 - A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA

Nesta seção apresentaremos como é abordada pelos teóricos a alfabetização cartográfica e importância que ela tem na vida do aluno.

No início de sua vida escolar, a criança passa pelo processo de ensino e aprendizagem das letras, isto é, começando a identificar as vogais e depois as consoantes - o professor alfabetiza letrando e também utilizando o SEA (Sistema de Escrita Alfabética). Com o passar do tempo, ela já é capaz de juntar as letras, identificá-las e pronunciá-las. Quando passa para o papel a junção destas letras e conseguindo lê-las em qualquer lugar, livros, revistas, jornais, etc., o processo de ensino e aprendizagem, pelo o qual a criança passou, resulta na alfabetização.

Alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica, não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial – coisas mortas ou semimortas -- mas uma atitude de criação e recriação. Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. (FREIRE, 1967, p. 110).

Assim, a alfabetização possibilita a leitura e a escrita não só das letras, mas possibilita uma leitura de espaço e de mundo. E nesse aprender cotidiano, a criança cresce no conhecimento de que ela faz parte de um determinado espaço e que precisa saber ler e interpretá-lo para que ocorra uma aprendizagem significativa.

Para saber fazer uma leitura do espaço, é necessário que o sujeito seja orientado a fazer inferências sobre o lugar vivido e percebido e tudo aquilo que forma a paisagem do seu cotidiano.

Callai (2005, p. 228), declara que,

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

Neste sentido, compreendemos que ler o mundo é muito mais de uma mera leitura de um mapa. Cada pessoa tem uma maneira de observar e ver a realidade a sua volta. É o instante no qual o sujeito sente-se como parte do mundo e modificador do mesmo. Ele faz parte sendo sujeito ativo ou passivo nas modificações ocorridas diariamente.

Mas, e quanto à alfabetização cartográfica? Como ela ocorre e qual o resultado?

Juliasz (2017, p. 29), faz a seguinte constatação:

[...] a aprendizagem da cartografia ocorre por meio de um longo processo, no qual o sujeito inicia com simples noções espaciais, a partir de sua ação e deslocamento no espaço e representação gráfica. O fato da aprendizagem consistir em um processo de construção de conceitos coloca-nos como desafio compreender os princípios que fundamentam a aquisição da linguagem cartográfica, ou seja, a alfabetização ou iniciação cartográfica, além de desenvolver formas que permitam a criança a desenvolver seu pensamento espacial.

Desta forma, esse longo processo possibilita que o sujeito construa sua noção de espaço, enquanto estiver sendo orientado e em contato com os materiais necessários à sua aprendizagem. Sempre que o docente utilizar qualquer recurso para ensinar cartografia nas aulas de geografia, a aprendizagem vai acontecendo aos poucos.

Quando a criança percebe o espaço onde está, ela começa a explorá-lo. Nessa exploração, começa a ter a percepção dos limites, tanto do próprio corpo como do ambiente físico que o cerca. Esse contato possibilita que o desenvolvimento mental e físico seja fortalecido e que a noção de espaço passe a ser um desafio que é vencido todos os dias. Porque, o que não foi possível explorar hoje, amanhã será tentado, e assim por diante. De acordo com Juliasz (2017, p. 31),

[...] o desenvolvimento do pensamento espacial ocorre de forma progressiva e desde muito cedo, a partir da observação e manuseio de objetos, e posteriormente, por meio do deslocamento do espaço, seja engatinhando ou, depois, em pé, estabelecendo as relações frente e atrás, de um lado e do outro e em cima e embaixo. Obviamente, estas são noções espaciais com as quais as crianças já começam a operar já em casa, na mediação dos adultos e de outras crianças, porém a escola pode trabalhar de forma contextualizada, relacionando com assuntos referentes ao espaço. Por este motivo é que surge a necessidade de investigar as representações espaciais, bem como os princípios geográficos por meio de atividades práticas com crianças de cinco a seis anos de idade.

A interação que a criança tem com objetos e as pessoas possibilita o desenvolvimento de competências de domínio espacial. Para Pêcheux citado por Almeida (2006, p. 35), “[...] o ser humano dispõe, muito precocemente, de certas competências no domínio espacial, as quais se manifestam quando situações favoráveis ocorrem”. Isso mostra que é nas oportunidades de exploração do ambiente que acontece o desenvolvimento cognitivo sobre o espaço.

A alfabetização cartográfica tem seu início a partir dos primeiros momentos que o sujeito começa a construir seu pensamento espacial, por meio da exploração que faz do espaço a sua volta. Neste espaço, ainda não ocorre um contato com legendas e símbolos, que ele só terá quando lhes for apresentadas na escola por meio dos livros e mapas, mas pode utilizar os objetos e, até mesmo pessoas como símbolos e referências espaciais, para realizar certos deslocamentos e conhecer melhor a dimensão do espaço no qual se encontra.

Para Juliasz (2017, p. 32),

[...] as crianças exploram o espaço desde o nascimento (a partir do próprio corpo), depois percorrem alguns espaços como os de casa e da escola e manuseiam objetos, que também são espaciais. Ou seja, compreendemos que as crianças trazem suas experiências espaciais de casa para a escola, a qual tem o papel de sistematizar e expandir tais experiências sob a ótica da Geografia.

São experiências vividas pelo o sujeito que explora e apreende. Cada momento é uma novidade. É um processo contínuo de construção. E tanto em casa como na escola, aos poucos, vai construindo-se o saber cartográfico. Nessa perspectiva, Juliasz (2017, p. 38 e 39), afirma que,

A aquisição da linguagem cartográfica por meio de um processo que envolve inicialmente o deslocamento no espaço, o desenvolvimento de habilidades espaciais e representação, pode ser desenvolvida na escola de educação Infantil. Esta, por sua vez, é integrante do sistema educacional e etapa da Educação Básica, que deve ser pensada como um espaço que favorece e amplia o conhecimento de forma sistematizada e criativa, desde muito cedo.

O deslocamento no espaço possibilita a aprendizagem e leva a criança à independência. Ela inicia a exploração espacial em casa e, depois na escola, seu

conhecimento é ampliado. Novas possibilidades surgem como resultado da interação com o ambiente descoberto.

Na escola, a criança passa a compreender como e porque utilizar determinadas representações do real, historicamente construídas mediante a cultura, como é o caso do uso das palavras. As palavras, durante atividades que problematizam noções espaciais como a de localização são fundamentais, pois ao mesmo tempo que elas são indicadores de uma generalização integram/constituem uma rede de significados, os quais são expressos pelas crianças de acordo com a intencionalidade e sentido. (JULIASZ, 2017, p. 39).

Essa compreensão possibilita um melhor conhecimento de mundo. Porque o sujeito verá que o espaço não se limita apenas ao lugar no qual ele está, mas vai muito além, e que também possui diversas formas de linguagem para ser interpretado.

Sobre estas formas de linguagem, Juliasz (2017, p. 39), diz o seguinte:

Como as palavras tomam sentido dentro de um determinado contexto, temos como ponto a ser investigado a linguagem usada para expressar a relação com o espaço num contexto educativo, pois as noções espaciais são frequentemente exploradas e desenvolvidas com turmas da Educação Infantil, porém não há orientações sistematizadas sobre a relação dessas noções com o pensamento espacial, ou seja, com os conceitos referentes ao espaço, a sua representação e as habilidades de raciocínio.

A maneira como ocorre à orientação sobre o espaço na escola faz toda a diferença na aprendizagem do sujeito. Porque o docente tem que usar uma linguagem clara. Ele não pode referir-se a certo local dizendo: prá lá ou prá cá; este ou aquele canto, etc., mas, utilizando a linguagem correta, a alfabetização cartográfica vai proporcionar aprendizagem.

Ao fazer uso da linguagem e escrita cartográfica, o professor estimula o sujeito a apreender, e quando ele for construir mapas, trilhas ou o caminho de casa para a escola, ele saberá usar a linguagem e os conceitos certos.

A representação gráfica por meio do desenho envolve a relação entre os conceitos que o espaço abrange, como distância e posição e as habilidades do pensamento espacial, que são mobilizados a partir de uma problemática espacial; à medida que a criança pensa sobre a disposição dos elementos no espaço gráfico, em uma ordem, por exemplo. O desenho do espaço percorrido permite refletir e sistematizar um pensamento por meio da concretização do que se vive, criando símbolos para cada objeto espacial. Ao professor que propõe atividades deste tipo, permite conhecer como as crianças concebem e representam o espaço. (JULIASZ, 2017, p. 41).

A criança tem que saber fazer uma relação do conceito com o espaço estudado. Ela só conseguirá produzir e representar o espaço se dominar essa relação. A partir daí, ela começará a lê e a produzir melhor a cartografia.

A produção individual da representação de um espaço mobiliza diferentes conceitos cartográficos, ainda que sem o rigor característico dessa linguagem, mas de forma inicial, com a redução de um objeto ou lugar para inseri-lo no espaço gráfico, a criação de elementos, como alinha de base, com gramas e linha céu, com nuvens e sol, de modo que criam-se relações entre os objetos desenhados, em uma ordem, além da criação de elementos gráficos que simbolizem objetos reais. (JULIASZ, 2017, p. 41).

É nesse ponto que o professor perceberá como a produção realizada pela criança está sendo desenvolvida. O que ele constrói é parte do que viu e está reproduzindo no papel. É desenhando que vai aprimorando sua capacidade de representar os espaços. A redução ou ampliação de qualquer objeto possibilita as comparações. É aí que começa o gosto pela cartografia. O aluno passa a ser produtor de mapas ou croquis, e assim, a aprendizagem vai tornando-se significativa e o professor fica ciente de que quanto mais estímulos para a produção de desenhos, mais o aluno desenvolve sua criatividade.

A construção ou reprodução do espaço e sua representação,

[...] é desenvolvida pelo processo de alfabetização cartográfica, sendo o desenho uma linguagem essencial para que isso ocorra. O desenho pertence à cartografia realizada pela criança, pois ele consiste em uma linguagem que permite relações espaço-temporais, como orientação, distância e localização, que fornecem a base para compreender os conceitos da ciência geográfica (paisagem, território e espaço). A cartografia está presente na infância, desde muito cedo, quando a criança explora o espaço e o representa. (JULIASZ, 2017, p. 50).

O desenho que a criança produz é resultado de como a alfabetização cartográfica está acontecendo. Ela expressa o que entendeu de determinada atividade, copiando ou reproduzindo aquilo que viu ou teve acesso.

Quando a criança faz desenhos de uma praça, casa ou o caminho que percorre de casa até a escola, ela está expressando seu pensamento espacial, que de acordo com Juliasz (2017, p. 51),

O pensamento espacial, por meio da linguagem cartográfica, permite que o indivíduo desenvolva habilidades de análise geográfica, por ter como foco o estudo da relação entre sociedade espaço, assim, é desejável que as crianças as desenvolvam desde a Educação Infantil. Nesse sentido, a Cartografia não é de uma disciplina e sim uma linguagem, que na infância conta com diversas manifestações tendo em vista as muitas linguagens expressivas, como brincadeiras de faz-de-conta, materiais concretos, colagens e desenhos.

Ao desenvolver este pensamento é nítido que a aprendizagem está acontecendo. A criança passa a reproduzir e compreender melhor como os mapas são.

Quando a criança começa a produzir mapas, croquis, trilhas e percursos, ela já está demonstrando que a alfabetização cartográfica, está lhe proporcionado um saber espacial, que a conduzirá a observar melhor o mundo e fazer uma boa leitura do mesmo.

De acordo com Passini, Almeida e Martineli (1999, p.127),

É muito importante, sim, que os alunos saiam para desenhar as ruas e localização dos objetos do espaço no entorno da escola, e vejam e entendam que relações existem entre eles (igualdade/diferença, ordem, proporção). O “mapa” não sai perfeito em sua projeção e proporção, mas é o desenho na ótica dos alunos. Discutindo coletivamente esses “mapas”, procura-se o novo equilíbrio passando de uma regulação particular, na medida em que as referências podem ser individuais, para um processo coletivo, porque a soma complexa e indefinida das experiências e leituras individuais constroem um novo objeto.

Ao fazer esta releitura e exploração do ambiente, desenhando mapas, a criança começa a compreender a relação que existe de sua leitura de mundo com aquilo que acaba de construir no papel. Porque quando a criança sai de dentro da sala de aula e passa a desbravar o ambiente a sua volta, sua compreensão daquilo que o professor falou começa a ter sentido, e assim, o lugar passa a ser visto de outra maneira.

Para Juliasz, (2017, p. 89),

“O desenho enquanto parte da alfabetização cartográfica consiste em um sistema de representação que antecede o ato de ler e fazer o mapa e envolve a atividade criadora das crianças por meio da relação entre a imaginação e a memória”.

Neste sentido, a criança produz seus mapas utilizando sua criatividade. Ela o produz com seu jeito de entender e pensar como seria ou como é algo ao qual ainda não teve acesso. Simplesmente, imagina e produz. Constrói a partir do que imagina. É a perspectiva de algo que em sua mente é construído, e assim passa para o papel por meio do desenho.

O desenho infantil é objeto de estudos nas mais diferentes áreas, tais como psicologia, artes-plásticas, arte-educação, sociologia e também na geografia. Nesta última, existem trabalhos relacionados à categoria central da ciência geográfica: o espaço. O desenho torna-se essencial para o desenvolvimento da habilidade da graficácia, pois a representação espacial consiste na concretização do pensamento espacial que acompanha o indivíduo desde muito cedo, ou seja, o desenho é um fator fundamental para a alfabetização cartográfica e também para o desenvolvimento da cartografia infantil. (JULIASZ, 2017, p. 91).

A partir do ato de desenhar, a criança está mostrando suas habilidades em colocar no papel a representação espacial das coisas que sua mente imaginou e/ou o que seus olhos podem ver.

O letramento geográfico é o ponto de partida para estimular o pensamento espacial do aluno, articulando a realidade com objetos e fenômenos representados pela linguagem cartográfica. Para isto, pode-se partir de noções cartográficas como escala, proporção, legenda, visão vertical, etc. – elementos que fazem parte da alfabetização cartográfica. No caso da infância, são noções elementares que perpassam todo o conhecimento geográfico, como por exemplo, a noção de vizinhança (o que está de um lado, e do outro em cima e embaixo). (JULIASZ, 2017, p. 101 e 102).

A alfabetização cartográfica só pode produzir bons resultados, quando o professor tem o conhecimento e domina bem o conteúdo que quer transmitir para seus alunos. O pouco ou quase nada de conhecimento que o aluno tem sobre a cartografia deve ser estimulado e trabalhado de tal maneira que, mesmo utilizando objetos e matérias adaptados, o conhecimento possa se desenvolver, que os objetivos sejam alcançados e sejam formados sujeitos críticos, que saibam fazer uma leitura, não só de textos impressos, mas uma leitura de mundo; saiba reconhecer o espaço ao qual pertence e que é sujeito modelador e transformador do mesmo.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho procura apresentar como se dá a prática docente na alfabetização cartográfica nas aulas de geografia dos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola da rede pública de ensino, da cidade de Garanhuns-PE.

A pesquisa foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada, por meio de um questionário dirigido aos professores do 1º ao 5º dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o propósito de saber como se dá o ensino da cartografia e o domínio que possuem sobre o assunto. De acordo com Lüdke e André (2012), “a abordagem qualitativa supõe um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”. Assim, a entrevista mostrará como o docente domina o ensino da cartografia e como ele o aplica para seus alunos.

Teve como objetivo geral, conhecer como o professor ministra o ensino da cartografia nas aulas de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola da rede pública, no município de Garanhuns-PE; que materiais usam ou têm à disposição para ministrar essas aulas. Os objetivos específicos foram: entrevistar o professor para saber como se dá a prática no ensino da cartografia; relacionar teoria e prática, levando em conta o que foi apreendido quando o professor era estudante.

Os sujeitos da pesquisa foram 05 (cinco) professoras, efetivas do ensino fundamental, de uma escola pública de Garanhuns-PE. Porque professores comprometidos com o ensino de geografia proporcionam a seus alunos não apenas a informação, mas a formação do conhecimento, que os ajudará na vivência escolar e fora dela.

De acordo com Brasil (1997, p. 74),

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

A compreensão da importância do ensino de geografia possibilita ao professor o privilégio de ser o mediador entre o aluno e conhecimento geográfico.

Para contemplar as questões de ética da pesquisa e a integridade dos sujeitos envolvidos, os professores, a ponto de não tornar público as informações que dizem respeito aos sujeitos, os dados foram armazenados em local sigiloso, no qual só terá acesso o pesquisador. Também foi feito o uso do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), que sendo redigido em duas cópias, uma ficando com o pesquisador e outra com o sujeito pesquisado, no caso, os professores. Por meio deste termo, o sujeito pesquisado torna-se ciente do que está sendo pesquisado e qual/quais finalidades da pesquisa.

Para Flick (2013, p. 209),

[...] esses princípios tem por objetivo garantir que os pesquisadores sejam capazes de tornar seus procedimentos transparentes (necessidade, objetivos, métodos do estudo), que possam evitar ou eliminar qualquer dano ou logro aos participantes e que cuidem da proteção dos dados.

Assim, a pesquisa foi realizada com transparência, deixando os participantes à vontade, sabendo que não sofrerão nenhum tipo de vexame ou dano a sua pessoa.

O mecanismo utilizado para registro das entrevistas foi um aparelho celular. Podendo a qualquer momento o entrevistado querer desistir e assim ser cancelado o registro da entrevista.

Abaixo apresento um quadro contendo as características das professoras pesquisadas.

Quadro 1 - Sujeitos da Pesquisa

Nome	Ano que leciona	Formação inicial	Pós-graduação	Experiência na rede pública	Tempo de serviço na escola
Professora A	1º	PEDAGOGIA- UPE	GESTÃO EM RECURSOS HUMANOS	12 ANOS	12 ANOS
Professora B	2º	PEDAGOGIA PARFOR - UPE	PSICO- PEDAGOGIA	22 ANOS	7 ANOS
Professora C	3º	LETRAS - UPE	LINGUA PORTUGUESA	14 ANOS	11 ANOS
Professora D	4º	MAGISTÉRIO (2º Grau) E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	Não tem	12 ANOS	4 ANOS
Professora E	5º	PEDAGOGIA - UPE	Não tem	15 ANOS	5 ANOS

FONTE: O AUTOR.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A escola, na qual foi realizada a pesquisa, fica em um bairro adjacente ao centro da cidade. Ela funciona em uma residência. A oferta de ensino vai do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. As salas foram adaptadas, assim como outros cômodos, para que os alunos tivessem um pouco mais de mobilidade. Ela tem 07 (sete) salas de aula que funcionam nos períodos da manhã e da tarde. Tem 433 alunos, dos quais 12 (doze) são PCD (Pessoas com Deficiência). A direção é formada por 01 (uma) gestora, 02 (duas) coordenadoras, 17 (dezessete) professores, dos quais 03 (três) estão em período de reabilitação e ficam responsáveis pela sala de leitura. Os professores que têm alunos com deficiência, contam com o apoio de 03 (três) auxiliares, um por sala.

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário contendo 11 (onze) perguntas direcionadas a 05 (cinco) professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal. Este questionário foi a ferramenta metodológica que norteou a pesquisa. Ela foi realizada no mês de dezembro de 2018, visando conhecer a prática e o que as professoras sabiam sobre alfabetização cartográfica.

Utilizei um questionário com perguntas abertas, para que as respostas ficassem claras e objetivas. A pesquisa foi qualitativa, porque tinha como objetivo verificar a prática docente no ensino da cartografia e o conhecimento sobre a alfabetização cartográfica.

As professoras entrevistadas são efetivas do quadro da rede pública municipal de ensino; 03 (três) delas são graduadas em pedagogia, mas somente uma tem especialização na área pedagógica; quanto às outras duas, uma é formada em Magistério e graduada em Administração de Empresas, e a outra tem Licenciatura em Letras e especialização em Língua Portuguesa. Das 05 (cinco) professoras, 02 (duas) não tem nenhuma especialização.

Das 11 (onze) perguntas do questionário (ver apêndice), escolhi algumas para nortear a análise dos resultados que estão inseridas nos quadros a seguir:

Em relação à prática docente, cartografia e alfabetização cartográfica, as professoras responderam assim:

Como você aprendeu cartografia? tem alguma dificuldade?		
Professora “A”	1º ano	<i>“é... a gente tem muita dificuldade. porque no curso de pedagogia, a gente vê as didáticas... e aí a gente vai aprendendo mais quando a gente vai trabalhando”.</i>
Professora “B”	2º ano	<i>“antigamente, nossos estudos eram bem mais raros. a preocupação maior era em português e matemática. mas... aprendemos pouco. e tem sim. às vezes tenho alguma dificuldade em passar para os alunos”.</i>
Professora “C”	3º ano	<i>“eu aprendi naquela memorização, né. na época que eu estudava... era colocado lá aqueles mapas, onde iríamos decorar é... é... regiões, estados, siglas de estados, capitais. então, era assim, uma forma bem decorativa. uma forma de ... onde fosse fazer descobertas pra chegar ao ponto. mas... era mais nesse sentido. quando eu estudei foi assim”.</i>
Professora “D”	4º ano	<i>“ainda tenho. porque na época que eu estudava... a gente não tinha tantas aulas práticas, como hoje a gente tem. principalmente de localização”.</i>
Professora “E”	5º ano	<i>“eu aprendi... né... durante os meus cursos, e não tenho dificuldade de repassar isso para meus alunos”.</i>

Você costuma trabalhar cartografia em suas aulas de geografia? como você faz e quais materiais utiliza?		
Professora "A"	1º ano	<i>"geralmente são feitos com desenhos. com itinerário. é... o caminho de casa; o caminho da escola; rua; onde é que ele mora. a direção: direita, esquerda. as coisas que estão em volta da casa dele. as coisas que estão em volta de um ponto de referência. mas... geralmente são com desenhos"</i>
Professora "B"	2º ano	<i>"sim. nós trabalhamos... é... uma aula semanal. o assunto de geografia. nós temos várias outras coisas além da cartografia. nós temos escola; nós temos bairro. e usamos... né... o mapa político, quando e aula que precise. mapa político, globo terrestre são estes materiais que a escola dispõe".</i>
Professora "C"	3º ano	<i>"quando se é necessário o estudo, já que... assim... eu vejo que... o programa que nós temos hoje nas escolas municipais, eles não tem um... um estudo mais profundo. então, eu costumo estudar, é... passar para eles, meus alunos: com xerox, com atividades é... dinamizadas, trazidas não dentro do contexto escolar, mas que eu trago de fora para a escola. em alguns momentos com pesquisa".</i>
Professora "D"	4º ano	<i>"com certeza. eu trabalho muito mapa. trabalho localização. gosto muito de maquete. a confecção de maquete pra mim, é... o menino trabalha bem. o menino aprende mais na prática".</i>
Professora "E"	5º ano	<i>"sim. eu costumo utilizar este material. trabalho com variedades de mapa, de globo. levo o material para a sala de aula, pra que o aluno tenha contato e manuseie esse material. a aula fica bastante interessante".</i>

você expõe mapas? a escola dispõe de material?		
Professora "A"	1º ano	<i>"a escola dispõe de mapas. a gente trabalha com mapas. mas assim... vendo só a microrregião. assim... de bairro, da cidade. assim, eu não exponho"</i>

		<i>coisas grandes. eu converso mais com eles. assim... em relação a estado. às vezes eles fazem muita confusão entre país e estado”.</i>
Professora “B”	2º ano	<i>“sim. a escola dispõe”</i>
Professora “C”	3º ano	<i>“dispõe. nós temos alguns materiais que... não tanto o quanto queríamos, mas assim... dentro das possibilidades. a escola tem material sim. pra gente enriquecermos nossas aulas”</i>
Professora “D”	4º ano	<i>“pouco, mas tem”.</i>
Professora “E”	5º ano	<i>“sim. a escola dispõe de material”.</i>

O que você entende por alfabetização cartográfica?		
Professora “A”	1º ano	<i>“é... eu acredito que é quando a criança consegue entender... é... onde está, onde o lugar que ele mora está localizado. e acredito que seja por isso. por aí...”</i>
Professora “B”	2º ano	<i>“nessa interpretação, vejo como nós mostrarmos aos alunos, né... interpretar e produzir mapas. e... é claro que na sala que estou , segundo ano, o que nós mais usamos é o croqui. por ser mais fácil, por se tratar de um desenho e pra os alunos é bem mais fácil compreenderem o assunto”.</i>
Professora “C”	3º ano	<i>“alfabetização cartográfica? entendo que é quando o aluno, ele aprende a cartografia, ele sabe se localizar também. ele não vai apenas decorar mapas, regiões , mapas disso, mapas daquilo... mas que ele vai ter um entendimento global do que ele está estudando”.</i>
Professora “D”	4º ano	<i>“a leitura de mapas. o entendimento de legendas. a construção do seu conhecimento, através da leitura dos mapas para poder entender o nosso mundo, né... o nosso planeta”.</i>

Professora “E”	5º ano	“a alfabetização cartográfica é você fazer com que o aluno entenda a função material dos mapas. ele consiga utilizar, fazer a leitura dos mapas, pra fazer a identificação dos lugares, objetos naquele mapa. é ele conseguir fazer esta leitura”.
----------------	--------	--

O que você gosta de ensinar em geografia? e o que não gosta?

Professora “A”	1º ano	<i>“eu gosto de ensinar paisagens. paisagens modificadas. paisagens naturais. eu trabalho todos os conteúdos que vêm. eu trabalho... não aprofundo. porque eles não têm, assim... só uma noção. eles não absorvem muito”.</i>
Professora “B”	2º ano	<i>“não tenho o que não goste. em geografia a gente trabalha bairro. eu acho bom porque mostra a eles o meio em que estão inseridos. trabalhamos escola. direitos e deveres dos alunos. trabalhamos também... a localização da escola. e o que mais nós vimos em geografia... é... bairro, escola. nós vimos também os croquis, como já falei antes. desenhos... espaço rural. espaço urbano...”</i>
Professora “C”	3º ano	<i>“o que eu gosto de geografia? eu gosto de ensinar as regiões brasileiras. gosto de trabalhar com a hidrografia, para que eles pudessem conhecer rios. é... dentro do nosso país, né... que é riquíssimo. como uma das coisas que eu mais gosto também, é trabalhar com eles a questão do rio São Francisco, e... também gosto de trabalhar os pontos cardeais”.</i>
Professora “D”	4º ano	<i>“eu gosto... a parte de hidrografia. a parte de relevo. acho que é bem amplo, é... é... diversificado, e atrai mais a criança. a dificuldade mais que eu tenho é com localização”</i>
Professora “E”	5º ano	<i>“eu gosto de trabalhar a parte mesmo com mapas, a cartografia. gosto de trabalhar relevo e hidrografia. acho que são assuntos bem interessantes”.</i>

Já deixou de trabalhar cartografia por não sentir segurança com o conteúdo?

Professora “A”	1º Ano	<i>“não. nunca deixei não”.</i>
----------------	--------	---------------------------------

Professora “B”	2º Ano	<i>“não. quando não tenho tanto domínio, procuro me apropriar para poder passar para os alunos”.</i>
Professora “C”	3º Ano	<i>“não. quanto a isso não. até porque, assim... dentro do primeiro ao quinto ano é... assunto que dá pra se trabalhar bem. não tem tanta dificuldade não, assim, de você expor pra o aluno”.</i>
Professora “D”	4º Ano	<i>“não. até hoje, não. quando eu me sinto insegura em alguma coisa eu procuro. eu pesquiso. eu estudo. eu me atualizo, mas eu não deixo de trabalhar, mesmo com dificuldades”.</i>
Professora “E”	5º Ano	<i>“não. eu sempre procuro ver o assunto antes. dá uma olhada nos mapas que vou utilizar, pra passar segurança pra meu aluno e passar o assunto com segurança também”.</i>

Seus alunos já produziram mapas?		
Professora “A”	1º ano	<i>“não. os mapas que eles produzem é em relação ao lugar que eles moram; a escola; a o caminho; a vivência deles”.</i>
Professora “B”	2º ano	<i>“não. na idade deles, nós não fizemos. como disse antes: trabalho muito com o croqui. eu acho mais fácil para eles. agora, já tenho mostrado o mapa do brasil. já tenho mostrado... assim... algumas... as regiões nós sempre vemos, mais não aprofundi o assunto”.</i>
Professora “C”	3º ano	<i>“não. esse ano ou anos anteriores? porque se for anos anteriores... esse ano não”.</i>
Professora “D”	4º ano	<i>“já. não mapas grandes. mas mapas pequenos, em construção de tarefas de atividades em classe”.</i>
Professora “E”	5º ano	<i>“sim”.</i>

Já substituiu a aula de geografia por outro componente curricular?		
Professora “A”	1º ano	<i>“não”.</i>
Professora “B”	2º ano	<i>“sim. sim. nós vimos que a preocupação é... é... algumas vezes... não que não seja dado o assunto, mas eu acho que português e matemática é trabalhado mais. já deixei sim, de dar aula de geografia”.</i>
Professora “C”	3º ano	<i>“já. mas só quando se fez necessário a troca. não por não...saber trabalhar aquele conteúdo ou ter domínio do conteúdo, mas quando se houve a necessidade de inserir um outro conteúdo naquele dia, e não o de geografia”.</i>
Professora “D”	4º ano	<i>“sim. junto com alguma disciplina... já. com português, mesmo. com a produção de texto”.</i>
Professora “E”	5º ano	<i>“não. procuro trabalhar cada matéria no seu horário específico e cumpro com esses horários”.</i>

A análise de algumas respostas da entrevista com as professoras foi dividida em duas categorias. A primeira trata da prática e do conhecimento cartográfico e a segunda trata da alfabetização cartográfica.

4.1 - CATEGORIA 1 - CONHECIMENTO CARTOGRÁFICO

Percebemos por meio deste questionário, que uma boa parte das professoras não tem domínio sobre o conhecimento da cartografia e que suas práticas refletem muito a maneira como elas foram ensinadas durante sua formação acadêmica. Vejamos a fala de algumas professoras quando lhes é feita a pergunta: *como você aprendeu cartografia? Tem alguma dificuldade?*

A fala da professora “A” do primeiro ano, mostra que há uma dificuldade e que não houve uma boa base de conhecimento e prática durante sua passagem pela academia. Ela diz: *“é... a gente tem muita dificuldade. porque no curso de pedagogia, a gente vê as didáticas. e aí a gente vai aprendendo mais quando a gente vai trabalhando”¹.*

A professora não teve um bom ensino de Geografia e vai dia a dia aprendendo com sua prática. Neste sentido Cavalcanti (1998, p. 11) afirma que “o conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais”. Fica claro que existe uma busca para adquirir conhecimento geográfico e coloca-lo em prática.

A professora “C” do terceiro ano, diz o seguinte:

“eu aprendi naquela memorização, né. na época que eu estudava... era colocado lá aqueles mapas, onde iríamos decorar é... é... regiões, estados, siglas de estados, capitais. então, era assim, uma forma bem decorativa. uma forma de ... onde fosse fazer descobertas pra chegar ao ponto. mas... era mais nesse sentido. quando eu estudei foi assim”.

Seu aprendizado foi baseado na memorização. Quer dizer: ela decorou para aprender. Por ter apreendido desta forma, a professora corre o risco de ensinar seus alunos da mesma maneira que foi ensinada.

Para Cavalcanti (1998, p. 24),

¹ Para diferenciar das citações gerais, as falas dos sujeitos foram destacadas em negrito.

[...] A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais de encontra o espacial.

Mesmo por ter tido um ensinamento deficitário na sua formação, a professora tem o papel de ser a mediadora na formação do raciocínio e concepções de espaço por parte de seus alunos. Tem que buscar reconstruir o conhecimento adquirido na academia, para que tenham como ensinar com segurança o conteúdo desejado.

Diante da pergunta: “Você costuma trabalhar cartografia em suas aulas de Geografia? Como Você faz e quais materiais utiliza? As respostas são as seguintes:

A professora “C”, do terceiro ano, posiciona-se da seguinte maneira:

“quando se é necessário o estudo, já que... assim... eu vejo que... o programa que nós temos hoje nas escolas municipais, eles não tem um... um estudo mais profundo. então, eu costumo estudar, é... passar para eles, meus alunos: com xerox, com atividades é... dinamizadas, trazidas não dentro do contexto escolar, mas que eu trago de fora para a escola. em alguns momentos com pesquisa”.

Na resposta desta professora fica evidente que a o ensino da cartografia não é algo tão essencial. Fica estranho quando ela usa o termo “quando é necessário”. Porque o ensino da cartografia tem sua importância, assim como qualquer outra disciplina. Ela frisa também, o fato de que o programa da escola não é muito “profundo” e traz material de fora da escola para trabalhar com eles e tornar a aula mais dinâmica.

De acordo com Cavalcanti (1998, p. 25),

[...] é o uso de um método de ensino adequado que pode viabilizar os resultados almejados. Se se quer ensinar os alunos a pensarem dialeticamente, importa definir ao mesmo tempo que conteúdos permitam a eles o exercício desse pensamento e o modo sob o qual esse exercício é viável.

Para Cavalcanti (1998) o método que se utiliza fará toda a diferença para se chegar a um resultado satisfatório. A professora tem que ter em vista que o conteúdo a ser usado nas aulas tem que alcançar o objetivo proposto, gerando aprendizado.

A professora “D”, do quarto ano, afirma o seguinte: *“com certeza. eu trabalho muito mapa. trabalho localização. gosto muito de maquete. a confecção de maquete pra mim é... o menino trabalha bem. o menino aprende mais na prática”*.

Esta professora destaca a importância de trabalhar na prática, com seus alunos, a construção de mapas e maquetes. Ela compreende quão importante é o aluno ter a noção e depois participar da construção de um mapa ou maquete. Assim, a leitura, construção e interpretação de um mapa, mediados pela professora, possibilitam uma aprendizagem significativa.

Desta forma, Castrogiovanni (2003, p. 31), diz que

Para que um mapa possa cumprir sua tarefa, os alunos devem aprender a sua leitura. Para tal é necessário, além do domínio das técnicas de representação, da linguagem específica cartográfica, uma sensibilidade geográfica. Os símbolos e signos empregados nos mapas frequentemente apresentam uma natureza pictórica, representando situações, fatos e dados nem sempre claramente expressos e muitas vezes de difícil mensuração. Para que esta situação seja amenizada, os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos da geografia. A vivência com os mapas deve ser vista como uma possibilidade admirável de comunicação.

Neste sentido, para Castrogiovanni (2003), a leitura de mapa requer domínio não só de técnicas. O professor tem que apresentar aos alunos que os mapas fazem parte da vida deles. Que ao saber fazer a leitura de um mapa, abre-se a janela da comunicação entre o desenho, figura ou planta e o aluno; uma nova visão e leitura de mundo. Porque quanto mais o aluno tiver acesso a materiais de qualidade para estudar e manusear, mais satisfatória será sua aprendizagem.

4.2 – CATEGORIA 2 – ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA

Quanto à pergunta: o que você entende por alfabetização cartográfica? As respostas das professoras escolhidas foram as seguintes: Professora “A” do primeiro ano: *“é... eu acredito que é quando a criança consegue entender... é... onde está, onde o lugar que ele mora está localizado. e acredito que seja por isso. por aí...”*

Na perspectiva desta professora ocorre a alfabetização cartográfica quando o aluno sabe se localizar. Mas de acordo com Passini, Almeida e Martineli (1999, p. 126 e 127),

O sujeito, ao desvendar a linguagem cartográfica, pode melhorar a habilidade de ler e entender mapas. Ao mesmo tempo estará se instrumentalizando para utilizar essa habilidade, para ler e entender melhor o espaço geográfico, o mundo. Esse processo, também infinito, vai além da decodificação. Provoca principalmente a cada passo, um melhoramento das estruturas cognitivas, possibilitando leitura de diferentes níveis de complexidade: nas relações, comparações, ordenações, análises críticas, explicações e proposições.

Neste sentido, quando a criança passa a ler e entender os mapas, está ocorrendo a alfabetização cartográfica. Sabe comparar, ordenar e fazer explicações sobre determinado fenômeno, desenho ou imagem.

Professora “B”, segundo ano;

“nessa interpretação, vejo como nós mostrarmos aos alunos, né... interpretar e produzir mapas. e... é claro que na sala que estou , segundo ano, o que nós mais usamos é o croqui. por ser mais fácil, por se tratar de um desenho e pra os alunos é bem mais fácil compreenderem o assunto”.

Nesta reposta, a professora diz que é na interpretação e produção dos mapas que a alfabetização cartográfica acontece.

De acordo com Castellar e Juliasz (2017, p.163),

A cartografia escolar, nesta perspectiva, contribuirá para o desenvolvimento cognitivo dos alunos desde a Educação Infantil, pois estimula o pensamento espacial, o raciocínio lógico matemático e as relações espaço-temporais auxiliando na leitura dos arranjos, das redes, da localização e, viabilizando a percepção da distribuição, extensão, distância e escala, por exemplo.

A professora demonstra ter noção ou um pouco de conhecimento sobre cartografia, que segundo Castellar e Juliasz (2017), estimula o pensamento espacial que auxilia na leitura e construção de desenhos e croquis.

Professora “C”, terceiro ano;

“alfabetização cartográfica? entendo que é quando o aluno, ele aprende a cartografia, ele sabe se localizar também. ele não vai apenas decorar mapas , regiões , mapas disso, mapas daquilo... mas que ele vai ter um entendimento global do que ele está estudando”.

À semelhança da professora “A”, do primeiro ano, esta, não tem também conhecimento do que vem a ser a cartografia, pensa ela, que é quando o aluno sabe se localizar ou decorar o que lhe é pedido nas aulas de geografia.

Para Castellar e Juliasz (2017, p.164),

O desenvolvimento do conhecimento cartográfico pode ser desenvolvido como um percurso metodológico para a construção dos conceitos, principalmente na escola. Neste sentido, tratar o desenho do espaço vivido, como um mapa mental, é compreendê-lo como parte desse processo de desenvolvimento e uma estratégia de aprendizagem que além de estimular desenvolvimento cognitivo do estudante, possibilita a compreensão da função da representação cartográfica, dos conceitos e desenvolve habilidades do pensamento espacial essenciais para que os alunos compreendam quaisquer representações do mundo.

Castellar e Juliasz (2017) deixam claro que o conhecimento cartográfico é desenvolvido por meio de um percurso metodológico, e este, quando bem elaborado pelo professor, vai desenvolvendo as habilidades dos alunos e lhes dando uma melhor representação e interpretação do mundo. Professora “D”, quarto ano: *“a leitura de mapas. o entendimento de legendas. a construção do seu conhecimento, através da leitura dos mapas para poder entender o nosso mundo, né... o nosso planeta”.*

Esta professora, à semelhança de outras já citadas, menciona que a alfabetização cartográfica é leitura de mapas e entendimento de legendas para o aluno poder chegar ao conhecimento e entendimento do mundo. Mas, para Juliasz (2017, p.100), *“a alfabetização cartográfica deve ser compreendida para além da habilidade de decodificar signos, pois a linguagem é algo complexo que não se limita a este tipo de processo”.* Logo, não basta só a leitura de um mapa ou legenda, tem que haver uma compreensão do que está envolvido no espaço percebido

(percepção ou noção do espaço à sua volta) e concebido (concebido primeiro na mente para depois ser materializado).

Professora “E”, quinto ano;

“a alfabetização cartográfica é você fazer com que o aluno entenda a função material dos mapas. ele consiga utilizar, fazer a leitura dos mapas. pra fazer a identificação dos lugares, objetos naquele mapa. é ele conseguir fazer esta leitura”.

A professora diz que o aluno tem que entender a função do mapa, fazer a leitura e depois a identificação dos lugares. Mas a alfabetização cartográfica não se limita a apenas isto.

De acordo com Juliasz (2017, p. 104),

[...] a apropriação de elementos cartográficos e, portanto, da representação espacial elaborada pelo aluno, permitirá a observação e análise minuciosa e abrangente de aspectos geográficos na medida em que a Cartografia possibilita o trabalho em diferentes escalas e localidades. A Cartografia como linguagem usada para compreender o espaço ajuda o professor a entender até mesmo o conhecimento do aluno e seus aspectos culturais, psicológicos e ideológicos, para assim, avançar no ensino da ciência geográfica.

Neste sentido o aluno se apropria dos elementos da cartografia para fazer suas análises sobre o espaço e o que está representado no mapa. A cartografia surge como linguagem para compreensão do espaço. O papel do professor é ser mediador e tornar as aulas de cartografia mais claras possíveis.

Sobre o conceito de alfabetização cartográfica, alguns não souberam definir bem o que vem a ser. Já outros deram definições satisfatórias. Isso mostra que há a necessidade de uma busca pelo conhecimento. O docente não deve apenas limitar-se ao que vem nos livros, ele deve procurar outros meios para enriquecer suas aulas e despertar a curiosidade de seus alunos. Porque o aluno só pode ser alfabetizado cartograficamente, quando for continuamente ensinado sobre a leitura e construção de mapas, croquis, desenhos, saber situar-se no espaço, compreender legendas, símbolos, etc.

Para que aconteça um aprendizado significativo por parte do aluno é necessário que o professor esteja familiarizado com o assunto, domine e saiba

transmitir. Porque entre o aluno e a fonte do conhecimento - materiais que podem mudar sua perspectiva de vida - está a figura do professor. Um professor bem preparado e que conhece o tema em estudo, fica na vantagem, porque ele terá a habilidade de ministrar suas aulas de tal forma que o ensino e a aprendizagem tronam-se realidades na vida de seus alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o docente alfabetiza seus alunos nas áreas de Português e Matemática, ele deve também em Geografia, trabalhar a alfabetização cartográfica. Se o ensino e a aprendizagem ocorrem nas primeiras letras; suas funções e significados, e na descoberta dos números; importância, uso e significados; os símbolos, legendas e imagens cartográficas têm sua relevância também. Porque a criança começa a fazer as descobertas sobre o espaço no qual vive, interpretando legendas, símbolos e traços que mostram o seu espaço local, regional e mundial por meio das representações que se definem através dos mapas.

Com o estímulo à aprendizagem cartográfica em suas aulas de geografia, o docente começa a despertar nos alunos a compreensão sobre o seu espaço, e assim, a alfabetização cartográfica vai tornando-se mais clara. Os primeiros traços que uma criança produz, ao fazer uma releitura de um mapa ou croqui, demonstra que ela está começando a “dar os primeiros passos” no entendimento da cartografia. Para esta compreensão se definir, o docente tem que valorizar os traços, rabiscos e linhas desenhadas pelo aluno, o qual considera como um mapa.

A produção e leitura de mapas, pelas crianças, é resultado do trabalho que o professor realiza em sala de aula, quando lança mão dos materiais disponíveis para realizar suas aulas de cartografia. Nem todos os professores têm estes materiais a sua disposição. Mas isto não impede que o professor seja didático e utilize aquilo que está ao seu alcance, para tornar a aula de Geografia mais atrativa e construtiva no conhecimento cartográfico.

A compreensão espacial, a leitura de mundo e a representação de determinado espaço, só ocorre com o comprometimento do professor, em se interessar verdadeiramente pela alfabetização cartográfica de seus alunos.

O presente trabalho, não é um fim em si mesmo. Ele é uma contribuição, que mostra a necessidade de um melhor preparo na academia daqueles que, como professores, ocuparão as salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia** – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, H. C.. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: agosto de 2018.
- CASTELLAR, S. M. V.; JULIASZ, P. C. S. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, p.160-178, 2017.
- CASTROGEOVANNI, A. C. *et al.* **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. 4ª ed. – Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CAVALCANTI, L. de S.. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. 9ª ed. – Campinas: Papirus, 1998.
- FLICK, U. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.
- JULIASZ, P. C. S.. **O pensamento espacial na educação infantil: uma relação entre geografia e cartografia**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012.
- PASSINI, E.; ALMEIDA, R. D.; MARTINELLI, M. A cartografia para crianças: alfabetização, educação ou iniciação cartográfica. **Boletim de geografia**. n.17, p. 125-135, 1999.
- SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. *In*: CARLOS, A. F. A.(Org.). **A geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Rêspel, 2010.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA COM O PROFESSOR

1 – QUAL A SUA FORMAÇÃO?

2 - A QUANTO TEMPO TRABALHA COMO PROFESSOR(A)? É EFETIVO (A)?

3 – HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ EM SALA DE AULA?

4 – COMO VOCÊ APRENDEU CARTOGRAFIA? TEM ALGUMA DIFICULDADE?

5 – VOCÊ COSTUMA TRABALHAR A CARTOGRAFIA EM SUAS AULAS DE GEOGRAFIA? COMO VOCÊ FAZ E QUAIS OS MATERIAIS QUE UTILIZA?

6 – VOCÊ EXPÕE MAPAS? A ESCOLA DISPÕE DE MATERIAL?

7 – O QUE VOCÊ ENTENDE POR ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA?

8 – O QUE VOCÊ GOSTA DE ENSINAR EM GEOGRAFIA? E O QUE NÃO GOSTA? ELENQUE (03) TRÊS CONTEÚDOS.

9 – JÁ DEIXOU DE TRABALHAR CARTOGRAFIA POR NÃO SENTIR SEGURANÇA COM O CONTEÚDO?

10 - SEUS ALUNOS JÁ PRODUZIRAM MAPAS?

11 - JÁ SUBSTITUIU A AULA DE GEOGRAFIA POR OUTRO COMPONENTE CURRICULAR?



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
 UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
 AV. BOM PASTOR, S/N – BOA VISTA. CEP 55296-190 GARANHUNS - PE
 TELEFONE: (87) 3761.0196 / 3761.0882
<http://www.ufrpe.br>

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando uma pesquisa nesta escola do município de Garanhuns-PE intitulada **A Prática Docente e a Alfabetização Cartográfica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. O objetivo dessa pesquisa é investigar **Como o Professor Trabalha a Cartografia nos anos Iniciais do Ensino Fundamental?** Participar dessa pesquisa é uma opção e no caso de não aceitar participar ou desistir em qualquer fase da pesquisa, fica assegurado que não haverá qualquer prejuízo para a instituição.

Caso aceite participar desse projeto de pesquisa, gostaríamos que soubesse que pretendemos divulgar resultados da pesquisa em revistas e encontros científicos, sem identificar os sujeitos participantes e a instituição, como forma de evitar quaisquer problemas.

Certos de podermos contar com sua autorização, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, através do (s) telefone (s) (87) 99637-9470 / 98139-8053

Orientadora Responsável: Prof^a. Paula Rejane Lisboa da Rocha

Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia: Roberto Cassimiro dos Santos

Eu, _____ aceito participar da pesquisa intitulada **A Prática Docente e a Alfabetização Cartográfica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**.

 Assinatura do voluntário

 Assinatura da instituição

 Assinatura do orientador

 Assinatura do orientando

Garanhuns, ____/____/____